

Ciência do que preenche e falta: TOQUE

Bruna Emanuele Fernandes

Este ensaio visual teve sua germinação engatilhada por algumas das várias sementes coletadas por caminhos que se abriram em páginas que percorri em busca de respostas costuradas de palavra e imagem, mas sobretudo pelas lançadas ao vento sobre o campo da minha cabeça e coração por Audre Lorde, Monique Wittig e Silvia Federici.

Absorvendo a potência do erótico e da transformação do silêncio em Lorde, encarei de frente, ao dobrar uma esquina, o lindo quadro que Wittig traçara sobre o poder do riso como ferramenta de quebra de correntes e roer de amarras que nos roubam a nós, existências *queer*, o tesão de vazar por cada um dos poros a empolgação de ser quem se é, junte, semelhante, diferente e si mesmo.

Já num beco sem saída, me embrenhei por uma mata curiosa, em que me deparei com o trabalho de Federici no resgate de uma parte da história da opressão sistêmica de mulheres que justamente escolheram, em alguma medida, viver as dimensões poderosas a que ela tantos anos dedicou em compreender, modular em palavra, e soprar ao vento.

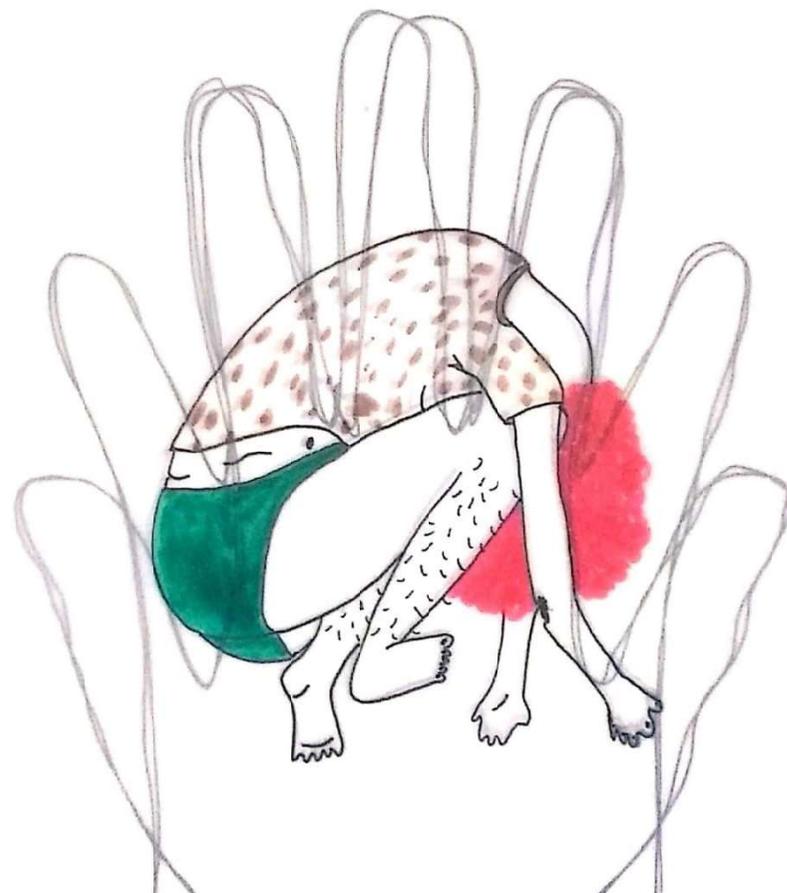
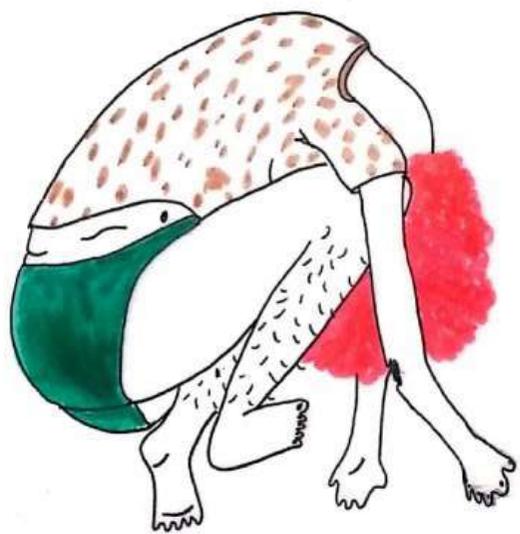
Mas não me preocupei com o cortante do real: à minha febre, uma bruxa em nada parecida com a figura maculada que secularmente

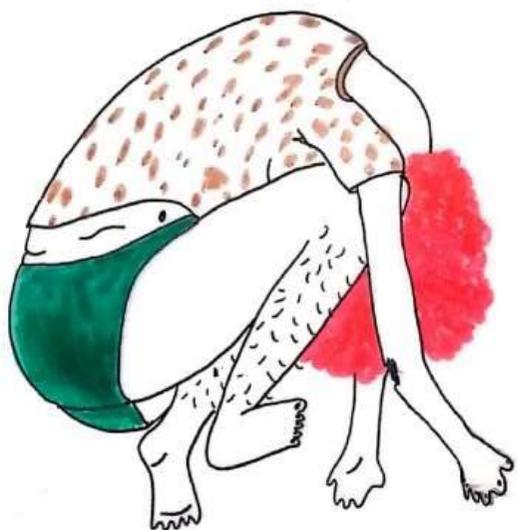
pintam, ofereceu-me água limpa e panos frescos embebidos em chá sobre a fronte. Fiquei bem; o conhecer do perigo foi sobrepujado pelo que há de erótico na contravenção do cuidado entre mãos femininas. Me fortaleci.

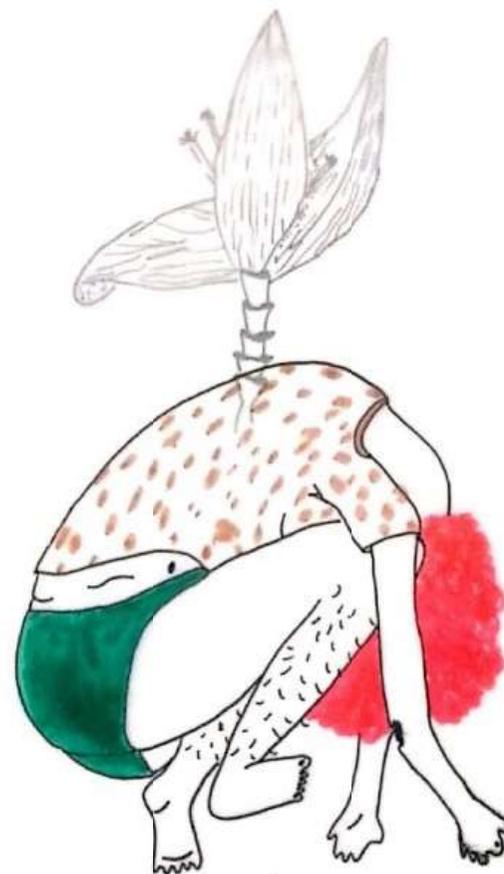
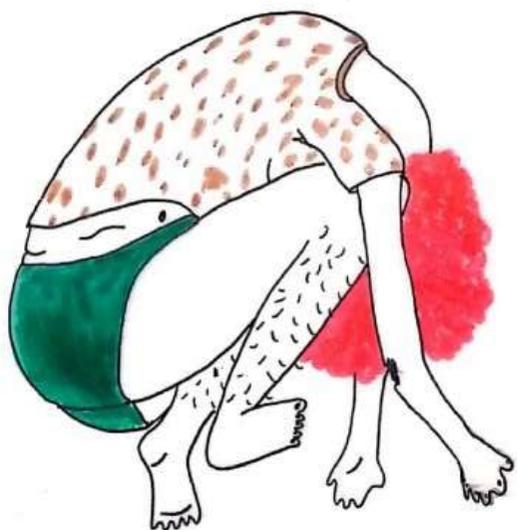
Sopro, sopro, sopro sobre trechos de territórios sedentos por água com que nutrir e encharcar raiz, caule, rama, folha, flor, pólen.

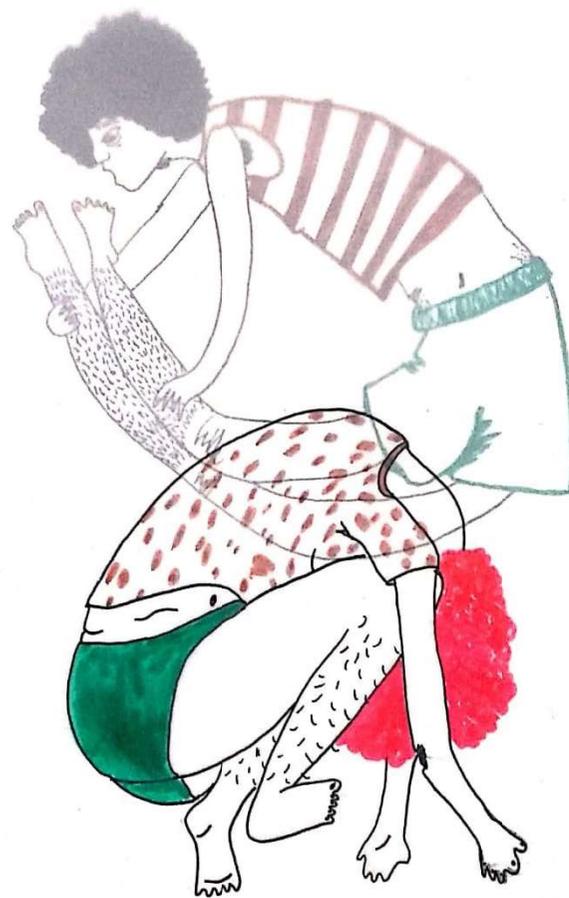
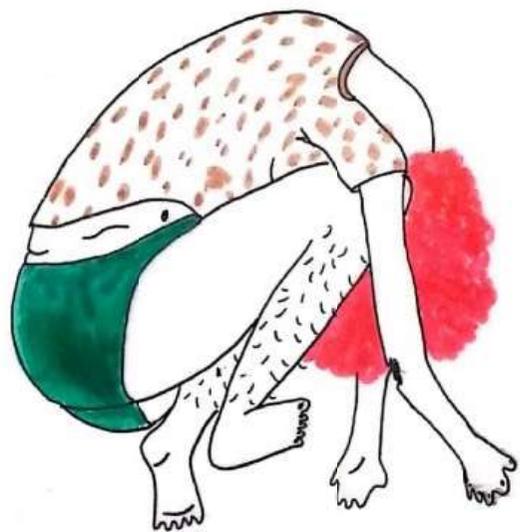
Eu, ser orgânico concebido, alimentado, criado e cultivado com relação íntima com a terra – prática decolonial ancestral sobre a qual se baseia toda a minha família de mulheres fortes -, eu mesma me vi pegando essas sementes e remexendo a terra do vazio do papel com minhas nanquim e a saudade dos pés descalços no barro e mostarda da horta. Com a saudade do toque como a máxima potência do dizer, do sentir, do existir potente erotismo no mundo – antes, agora e daqui em diante.

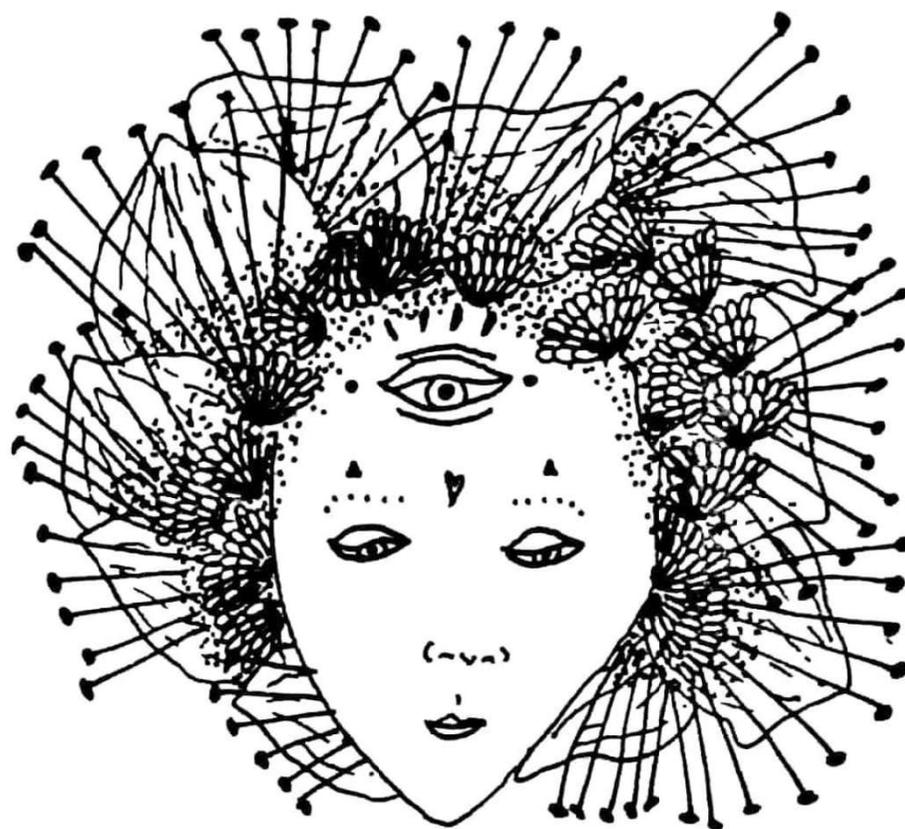
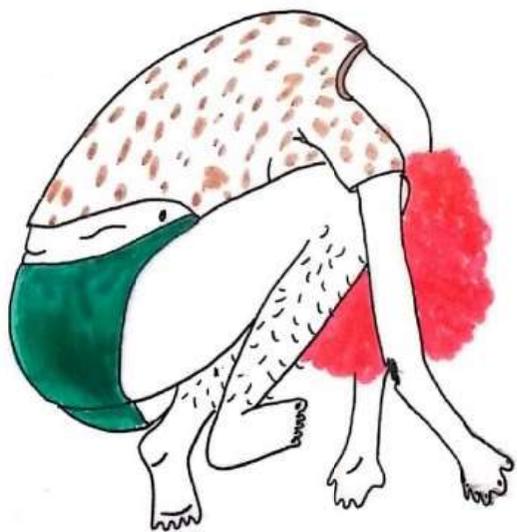
Este ensaio constitui-se de alguns de meus primeiros brotos, lançados a um solo totalmente novo e somente imaginado.











Referências:

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LORDE, Audre. Irmã Outsider. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WITTIG, Monique. As guerrilheiras. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2019.